

# **A DIVULGAÇÃO DO IDEÁRIO PRESERVACIONISTA NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960 NA REVISTA HABITAT<sup>1</sup>**

**BEATRIZ ALVES GOULART ROCHA<sup>2</sup>, CLAUDIA DOS REIS E CUNHA<sup>3</sup>**

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado da pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC-FAPEMIG/UFU): “Os discursos sobre a preservação do Patrimônio Histórico e Artístico na Revista Habitat, 1950-1965” vinculada à uma pesquisa de maior abrangência intitulada: “As revistas especializadas e a interface entre arquitetura, artes, cidades e cultura”, que conta com o apoio financeiro do CNPQ.

<sup>2</sup> Aluna de Graduação e Bolsista de Iniciação Científica PIBIC-UFU da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia – Av. João Naves de Ávila, 2121 – Bloco 1I, sala 1I 204 – Uberlândia – MG – CEP 38400-100. email: bial1-rocha@hotmail.com

<sup>3</sup> Professora Doutora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia – Av. João Naves de Ávila, 2121 – Bloco 1I, sala 1I 204 – Uberlândia – MG – CEP 38400-100. email: claudiareis@faued.ufu.br

## **A DIVULGAÇÃO DO IDEÁRIO PRESERVACIONISTA NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960 NA REVISTA HABITAT.**

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo levantar algumas discussões sobre a divulgação do ideário preservacionista no Brasil dos anos 1950/60 em periódicos especializados em arquitetura e urbanismo, em especial na Revista Habitat. Sabe-se que, desde sua constituição em 1937, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) valeu-se de uma publicação própria – a Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (RSPHAN) – para divulgar a um público mais amplo suas ações, bem como as pesquisas que estavam sendo feitas por técnicos da instituição ou seus colaboradores na área de História da Arquitetura Brasileira. A RSPHAN divulgou em seus artigos temas vinculados não apenas à arquitetura colonial ou vernacular, mas também aqueles relativos à arquitetura moderna, que em muitos casos já “nasceram” patrimônio nacional, dada a precocidade de seu tombamento. Várias pesquisas já apontaram a estreita ligação entre arquitetos vinculados ao Movimento Moderno e o órgão federal de preservação, especialmente em suas primeiras décadas de atuação. Diante dessa constatação, veio à tona o questionamento se esses mesmos profissionais contribuíram para a divulgação da “causa” preservacionista em outros periódicos que não a RSPHAN. Diversas revistas especializadas em arquitetura foram criadas por iniciativa de arquitetos oriundos do mesmo grupo que participava ativamente das lides preservacionistas e, justamente por isso, buscou-se um olhar mais atento ao que estava sendo publicizado nesses periódicos de modo a compreender como o discurso da preservação do patrimônio histórico e artístico era ali apresentado, utilizando uma dessas revistas – a Habitat - como objeto de estudo.

**Palavras-chave:** patrimônio e revistas de arquitetura; preservação do patrimônio: divulgação; Revista Habitat, 1950-1965

## ABSTRACT

This article aims to raise some discussions about the disclosure of preservationist ideology in Brazil in the years 1950/60 in professional journals on architecture and urbanism, especially in the Habitat Magazine. It is known that, since its inception in 1937, the Historical and Artistic National Heritage Service (SPHAN) took advantage of its own publication - the Journal of Historical and Artistic National Heritage Service (RSPHAN) - to disseminate to a wider audience their actions such as the researches that were being made by technicians of the institution or its employees in the area of history of Brazilian architecture. RSPHAN released in its Articles issues not only related to colonial architecture, but also related to modern architecture, which in many cases are already "born" as national heritage, given the precocity of their designation as Landmarks. Several surveys have pointed out the close connection between architects linked to the Modern Movement and the federal preservation organization, especially in its first decades of operation. Given this finding, it surfaced questioning whether these same professionals have contributed to disseminate the preservationist "cause" in other journals than RSPHAN. Several magazines specialized in architecture were created by architects coming from the same group who actively participated in the preservationists labors. Due to this fact, it was sought a closer look at what was being publicized in these journals in order to understand how the discourse of preservation of the historical and artistic heritage was presented in those magazines using one of them - the Habitat Magazine - as object of study.

**Keywords:** heritage and architecture magazines; heritage preservation: disclosure; Habitat magazine, 1950-1965

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo visa trazer uma contribuição acerca da divulgação do ideário preservacionista no Brasil dos anos 1950/60 em periódicos especializados em arquitetura e urbanismo. Em especial, apresenta os resultados obtidos com a pesquisa de Iniciação Científica. “Os discursos sobre a preservação do Patrimônio Histórico e Artístico na Revista *Habitat*, 1950-1965”, desenvolvida junto ao Núcleo de Pesquisa em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo (NUTHAU) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia (FAUeD-UFU).

Desde 2009 o NUTHAU vem realizando uma pesquisa com os periódicos de arquitetura e urbanismo nacionais e internacionais, buscando estabelecer uma base documental para a reavaliação da arquitetura moderna no Brasil no período que se estende de 1945 a 1960.<sup>4</sup> Como parte dessa pesquisa, já foi feita a documentação e a digitalização de três coleções completas de revistas de arquitetura brasileiras: *Brasil: Arquitetura Contemporânea*; *Brasília e Habitat*, estando em andamento a digitalização e catalogação das revistas: *Mirante das Artes, Arquitetura e Engenharia e Módulo*.

Vinculada a essa investigação mais ampla, a pesquisa “Os discursos sobre a preservação do patrimônio histórico e artístico na Revista *Habitat*, 1950-1965” tem se dedicado à análise minuciosa dos artigos publicados na *Revista Habitat*, verificando a presença da temática da preservação do patrimônio cultural na mesma e em que termos esse discurso se dá. A *Habitat* foi publicada no período de 1950 a 1965 dedicando-se a um vasto universo cultural que envolvia: arte, arquitetura, design, cinema, teatro, música, fotografia, dentre outras temáticas relacionadas ao ambiente sociocultural de sua época.

O desejo de se afastar do passado colonial e a busca pelo progresso eram a tônica dos discursos até as primeiras décadas do século XX, com pontuais manifestações em prol da defesa do “passado nacional”. O ideário preservacionista brasileiro vai ganhando corpo somente por volta dos anos 1920 e passa por um processo de amadurecimento e efervescentes discussões ao longo de quase duas décadas (PINHEIRO, 2011), até se estruturar oficialmente em 1937 com a criação de um serviço público visando à salvaguarda do patrimônio artístico e

---

<sup>4</sup> A referida pesquisa, intitulada “Arquitetura moderna no Brasil e sua recepção nas revistas européias e brasileiras (1945-1960)”, contou com o financiamento da FAPEMIG em sua primeira etapa (biênio 2009-2011) e do CNPq em sua segunda etapa (biênio 2012-2014). Nesse momento, um novo projeto de pesquisa, intitulado “As revistas especializadas e as interfaces entre arquitetura, artes, cidade e cultura”, está em andamento com apoio do CNPq.

histórico brasileiro e ganhar um corpo jurídico para dar suporte a este órgão. Segundo ANDRADE (1993, p. 106):

“Tais iniciativas coincidem com a emergência do ideário nacionalista, propagado por uma elite de intelectuais que, sob influência das teorias eurocêntricas do desenvolvimento das civilizações, pretenderam encontrar o caráter nacional, a essência da nação brasileira, como condição indispensável para o processo de desenvolvimento”.

Portanto, o final dos anos 1930, momento em que se cria o órgão federal de proteção ao patrimônio no Brasil – o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) – é marcado por uma sociedade que ignora as especificidades da arquitetura tradicional realizada no país, sua origem e seu processo de evolução. Nem mesmo na formação dos próprios arquitetos a área de História da Arquitetura Brasileira figurava como disciplina, o que agravava ainda mais a situação de desconhecimento da arquitetura local e, conseqüentemente, dificultando as ações em prol de sua preservação.

Assim, notando a importância de dar legitimidade às suas ações e pesquisas e a fim de divulgá-las a um público mais amplo, o SPHAN cria seu próprio periódico, a Revista do Serviço Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (RSPHAN), como meio auxiliar de divulgação de seus conceitos. Mas, para além da arquitetura colonial ou vernacular brasileira e da necessidade de sua preservação, a RSPHAN divulgou também em seus artigos temas vinculados à arquitetura moderna, que em muitos casos já “nasceram” patrimônio nacional, dada a precocidade de sua inclusão nos livros de tomo da instituição.

Sabe-se, como demonstrado em diversas pesquisas,<sup>5</sup> da estreita ligação entre arquitetos vinculados ao Movimento Moderno e o órgão federal de preservação, principalmente em suas primeiras décadas de atuação. Diante dessa constatação, veio à tona o questionamento se esses mesmos profissionais contribuíram para a divulgação da “causa” preservacionista em outros periódicos que não a RSPHAN. Diversas revistas especializadas em arquitetura foram criadas por iniciativa de arquitetos oriundos do mesmo grupo que participava ativamente das lides preservacionistas e, justamente por isso, buscou-se um olhar mais atento ao que estava sendo

---

<sup>5</sup> Como, por exemplo, nos trabalhos de Lauro Cavalcanti, Antonio Luiz Dias de Andrade, Silvana Rubino, Maria Cecília Londres Fonseca e Márcia Chuva, dentre outros. Consultar as referências bibliográficas indicadas ao final deste artigo.

publicizado nesses periódicos de modo a compreender se o discurso da preservação do patrimônio histórico e artístico estava presente e como era ali apresentado.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

O levantamento de artigos relacionados ao patrimônio na *Revista Habitat* foi feito em sua primeira fase a partir de consultas ao *Índice de Arquitetura Brasileira*, uma ampla base de dados elaborada pela Biblioteca da FAUUSP, na qual estão catalogados artigos de várias revistas brasileiras desde os anos 1950, estando a *Habitat* totalmente indexada.

A partir das seguintes palavras-chave: “arquitetura-preservação”, “arquitetura-restauração”, “arquitetura-século XVIII”, “arquitetura-1900-1920”, “monumentos-preservação”, “escultura-preservação”, “escultura-século XVIII”, “arte-restauração” e “arte-século XVIII”, foi possível localizar onze artigos que estariam diretamente relacionados com o tema buscado. Com a leitura desses artigos, “Técnicas modernas aplicadas à arqueologia” foi excluído, já que não tratava do assunto. O quadro 1 apresenta os dez artigos que tratam da questão da preservação do patrimônio encontrados na Revista Habitat por meio da consulta do Índice de Arquitetura Brasileira.

Número da Edição	Ano da Edição	Título do artigo	Autor	Páginas
5	1951	Contribuições ao Barroco	-	32
10	1953	São Paulo e o art nouveau	Flávio Motta	3-18
10	1953	Salvar e conservar as imagens	Armando Cunha	56-60
11	1953	Detalhes de Ouro-Preto	-	31-2
11	1953	Um restaurador		48
25	1955	A casa bandeirista		7-10
27	1956	Desbrugando Ouro Preto	Manuel Germano	58-60
32	1956	Vinte anos de atividades do SPHAN: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional		22-4
49	1958	Os profetas do Aleijadinho, monstros ou obras primas	Richard Kohn	35-8
63	1961	Técnicas modernas aplicadas à arqueologia	-	60-1
77	1964	O Aleijadinho e a escultura barroca no Brasil	José Geraldo Vieira	57-66

**Quadro 1: Artigos sobre patrimônio localizados na revista Habitat através da consulta ao Índice de Arquitetura Brasileira**

A outra etapa do levantamento partiu de uma busca mais minuciosa diretamente sobre as edições da revista<sup>6</sup>. Foi possível então localizar novos textos relacionados indiretamente ao patrimônio a partir da catalogação da maior parte da *Habitat* e o acompanhamento de cada número digitalizado, encontrando-se 16 novos textos.

<b>Número da Edição</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Título do artigo</b>	<b>Autor</b>	<b>Páginas</b>
01	1950	Do pequeno ao grande numa corrida	-	65
01	1950	Um Museu do estilo floreal em São Paulo?	Não assinado (Identifica-se Flávio Motta)	75-76
01	1950	Problemas do barroco: a religião e a curva	P. M. Bardi	80-81
02	1951	Nossa Arquitetura	Abelardo de Souza	4-5
03	1951	Arquitetos em São Paulo 1880	J. F. de Almeida Prado	30-34
05	1951	Uma mina do barroco	W.P	40-41
06	1951	Corpus do Barroco	M. da Silva	52-55
12	1953	O antigo e nós	P. M. Bardi	57
12	1953	Floreal	Não assinado (Identifica-se Flávio Motta)	58-9
12	1953	Paisagem brasileira	-	62-4
25	1955	Integridade, pobreza e miséria das casas de Deus.	José Geraldo Vieira	3-5
49	1958	Foi espontâneo o aparecimento do Barroco?	Graciana Rojas	38-9
51	1958	Na alçada das realizações jesuíticas em São Paulo	Humberto Galimbert Poletti	36-40
60	1960	Observações sobre a obra do “Aleijadinho”	Graciela Rojas Herrera e Hans Mann	32
76	1964	Artes populares vivas		103-108
80	1964	O sesquicentenário da morte de Aleijadinho		84-85

**Quadro 2: Artigos sobre patrimônio localizados indiretamente na revista Habitat .**

<sup>6</sup> Não foi possível a análise das edições de número 69 e 70, por não se localizarem na consulta ao banco de dados do NUTHAU.

Artigos encontrados no índice de Arquitetura Brasileira	10
Artigos fora do índice de Arquitetura Brasileira	16
Total de Artigos	26

**Quadro 3: Quantidade de Artigos relacionados diretamente pelo Índice de Arquitetura Brasileira e Quantidade de Artigos relacionados indiretamente com a análise das edições da Habitat.**

Todos os 26 artigos encontrados foram estudados cuidadosamente, tendo como baliza para análise do material alguns questionamentos: Quais são os juízos e valores emitidos sobre a preservação do patrimônio histórico e artístico nas revistas de arquitetura? Qual é o discurso produzido pelas revistas no tocante à salvaguarda do patrimônio? Como se estabelecem os nexos discursivos entre a renovação da produção arquitetônica e dos espaços urbanos no Brasil e a preservação do patrimônio arquitetônico? Que narrativas e concepções de passado, história e patrimônio estão publicizadas nos periódicos de arquitetura e urbanismo? As transformações e/ou atualizações nas concepções de patrimônio estão presentes nos artigos?

A partir desse estudo, uma trama de discursos começa a se formar, em função da autoria de cada artigo, dos objetivos do mesmo, do contexto no qual foi produzido, da forma com que a própria revista lidava com o tema e por quem era dirigida e elaborada, revelando uma variedade de pontos de vista e juízos de valor, ora em harmonia, ora em franco confronto uns com os outros.

### **3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÃO**

#### **3.1- Ideário preservacionista e as revistas especializadas**

A imprensa no Brasil tem um desenvolvimento tardio, instalando-se apenas com a transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro em 1808. Ainda assim, os sistemas de controle da informação eram muito rígidos, garantindo que nenhuma informação contrária aos interesses da Coroa fosse veiculada por qualquer meio. Somente a partir da Independência uma imprensa mais livre em relação ao poder central foi se desenvolvendo lentamente, ganhando verdadeiro impulso somente com o advento da República (SODRÉ, 1999).

Desde o início da República até meados do século XX o grande número de periódicos em circulação no país demonstra a importância que as revistas tinham como veículo de disseminação de ideias. Os periódicos que circulavam no país eram abundantes, abrigando

distintas correntes ideológicas e matizes políticos, seja em jornais, seja em revistas – as quais podiam ser revistas especializadas ou de variedades.

“Por volta de 1890, a inexistência de uma indústria livreira conferiu, especialmente às revistas, a função de suporte adequado para a veiculação da imagem de um novo Brasil. Imagem tradutora das conquistas técnicas com as quais a imprensa periódica se defrontava, construída a serviço de um ideário inovador e não raro também a serviço da defesa das tradições. Não seria abusivo admitir para aqueles idos que – *tanto quanto o jornal*, porém *mais que o livro* –, a revista era o instrumento eficaz de propagação de valores culturais, dado seu caráter de impresso do momento, condensado, ligeiro e de fácil consumo” (MARTINS, 2001, p. 26-27, grifos da autora).

Mesmo com o controle da informação exercido pelo poder central durante a ditadura do Estado Novo, diversos periódicos continuaram a ser publicados, pois como afirma DE LUCA (2006, p. 2), apesar da ascensão do rádio como veículo privilegiado de difusão da informação, jornais e revistas continuaram a ter papel dos mais relevantes. Ademais, “as revistas também configuravam uma forma de intervenção no debate público acerca da realidade nacional, o que era indissociável das candentes questões políticas, colocadas na ordem do dia após a tomada do poder por Getúlio Vargas em 1930” (DE LUCA, 2006, p. 7).

Justamente pela importância das revistas como meio de propagação de ideias, desde o início das atividades preservacionistas no Brasil o SPHAN, por meio de seu diretor – Rodrigo Melo Franco de Andrade – estabeleceu como meta a publicação de um periódico semestral que daria voz à instituição, não apenas divulgando suas atividades, mas, principalmente, contribuindo para a propagação de uma determinada parcela da produção artística brasileira, bem como para difundir as orientações teóricas e técnicas do Serviço, legitimando diante da sociedade seu papel de órgão público.

“Rodrigo entendia que a publicação seria fundamental para a formação da consciência patrimonial, e, por isso, antes mesmo da decretação da lei que instituiu o Sphan, já articulava sua publicação. Assim, tão rápido quanto possível foi lançado o número 1 da sua Revista.” (RIBEIRO, 2013, p. 63)

Desde 1937, embora nem sempre com a periodicidade pretendida, a RSPHAN dedicou-se à publicação de artigos e ensaios sobre o patrimônio nacional, arte e história, com a colaboração de muitos especialistas de dentro ou de fora do SPHAN, como Rodrigo Melo Franco de Andrade, Lucio Costa, Mário de Andrade, Gilberto Freire, Joaquim Cardoso, Hanna Levy, Curt Nimuendaju e muitos outros. A orientação reinante nesses números era a da colaboração especializada sobre temas estéticos, históricos, antropológicos e sociológicos. Os números traziam um leque temático aberto, com o predomínio do ângulo teórico e técnico sobre as questões diversificadas, tendo como finalidade principal a de formar uma cultura da preservação no país.

A RSPHAN tem grande importância no campo das revistas especializadas, tendo em vista ser considerada por muitos estudiosos como o primeiro periódico nacional dedicado à difusão da história da arte brasileira. Mesmo entre aqueles que não dão a primazia à RSPHAN no campo da história da arte brasileira, não se deixa de destacar o tratamento inovador do tema, atualizando a metodologia para os artigos, claramente com caráter mais analítico e não ensaístico/literário, como era usual até o momento no país.

Diversos colaboradores do órgão federal de preservação, ou simplesmente amigos que se reuniam no gabinete do “Dr. Rodrigo” nos fins de tarde para debater temas relativos aos desenvolvimentos da arte e da cultura no Brasil, foram também responsáveis pela edição de periódicos especializados de arquitetura e urbanismo. Vários artigos publicados na RSPHAN foram também reproduzidos em outras revistas, mostrando que os temas e interesses eram afins.

Algumas revistas foram publicadas no início do século XX tratando de assuntos sobre arquitetura, porém sem serem classificadas como especializadas. Essa classificação começa a aparecer somente em 1921 e, em 1926, é publicada no Rio de Janeiro a revista *Arquitetura no Brasil*. Posteriormente, as revistas *Forma* e *Anteprojeto* são criadas pelos alunos da Faculdade Nacional de Arquitetura no Rio de Janeiro.

Começando em 1931 e durando 40 anos, a *Revista Municipal de Engenharia*. PDF, idealizada pela engenheira e urbanista Carmem Portinho, é responsável por publicar projetos de Arquitetura Moderna no Brasil, sendo a primeira a ter edições regulares. Separa os assuntos técnicos por suas áreas, afirmando sempre a importância de disciplinas técnicas na formação de arquitetura.

“Na década de 40, cada artigo é tratado num sentido de militância didática pela arquitetura moderna. A PDF publica os projetos de Affonso Eduardo Reidy, Jorge Moreira, Francisco Bolonha, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, dos Irmãos Roberto, Saturnino de Britto, Rino Levi e também os edifícios do Ministério da Educação e Saúde Pública, do Hotel de Ouro Preto e da Pampulha em obras. No artigo sobre as obras da Pampulha, Niemeyer relata a liberdade de projetá-lo, sem obstáculos de um falso conceito de arquitetura ditados por imposições alheias ao conhecimento técnico.” (MIRANDA, 1998, p. 49)

Apesar da divulgação de técnicas da arquitetura, esse periódico não contava com críticas de arte, como nas outras revistas especializadas. Teve sua maior importância por ser a pioneira em trazer em suas colaborações textos dos próprios arquitetos, o que serviu de referência para as revistas que surgiram depois.

Entre os anos 1940 e 1970 passam a circular no Brasil diversas revistas nacionais especializadas em arquitetura: Acrópole (SP – 1938-70:1-380), Módulo (RJ – 1955-65:1-39), Arquitetura (RJ – 1961-69:1-78), Casa & Jardim (RJ – 1966-70:1-49), Habitat (SP – 1950 - 65:1-84), Arquitetura e Construção (SP – 1966-67:0-4), Arquitetura e Urbanismo (RJ – 1940-1942), Arquitetura e Engenharia (1946-65:1-68), Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (RJ – 1937-69:1-17), Brasil Arquitetura Contemporânea (RJ – 1953-57:1-12), Revista Municipal de Engenharia (RJ - 1937-1959:1-26), Arquitetura e Decoração (SP – 1953-58:1-27), Depoimentos (SP - 1960-61:1-2), Bem Estar (SP – 1958-60:1-6), Engenharia Municipal (SP – 1955-70:1-49), Anuário da ENA (RJ – 1958-64:1-7), Brasília (DF-1957-88:1-83).

Durante seu período de publicação, esses periódicos especializados passavam por várias dificuldades de funcionamento. O público restrito era um dos problemas, além disso, a produção era cara e muitas vezes não contava com financiamento particular ou governamental, sobrevivendo com a colaboração dos próprios autores. O equilíbrio entre uma proposta editorial mais independente e as páginas dedicadas à publicidade, de modo a viabilizar comercialmente a produção e circulação das revistas, era fator de discussão presente em praticamente todas as redações.

“A imprensa periódica brasileira dos anos 30 e 40, tem um peso importante na estruturação do campo intelectual. No segundo pós-guerra, com a expansão da imprensa e profissionalização do jornalismo, os periódicos transformaram-se em veículos de divulgação das práticas culturais. As revistas de arquitetura dos anos 50 apresentam grande diferença de qualidade gráfica, de propostas programáticas e de estratégias de integração disciplinar em relação às revistas do período anterior, tentando conciliar a documentação da arquitetura contemporânea e do passado com a crítica de arquitetura.”  
(MIRANDA, 1998, p. 61)

É nesse segundo momento que surge em São Paulo a *Habitat – Revista Brasileira de Arquitetura, Decoração, Artes Plásticas e Artesanato*, fundada em 1950 pelo casal Pietro e Lina Bo Bardi, anteriormente responsáveis pelas direções das revistas *Quadrante* e *Domus*, respectivamente, além da experiência no racionalismo e no CIAM italiano. O universo cultural abarcado pela publicação é vasto, condizente com uma visão igualmente alargada de cultura, sem que houvesse – como era corriqueiro no Brasil daquele momento – uma separação entre a cultura erudita e a popular.

### **3.2- A Revista Habitat e o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**

Durante os quinze anos de sua publicação a *Habitat* foi dirigida por diferentes personalidades: de 1950 a 1952 estava sob a responsabilidade dos fundadores, Lina Bo e Pietro Maria Bardi, sendo Lina a Diretora Geral; em 1953, com o afastamento de seus fundadores, Flávio Motta torna-se Diretor Geral. Após esse ano, Lina ainda volta por dois números. É importante notar que desde a criação da revista, Geraldo N. Serra ocupa o cargo de Diretor Responsável.

Após a volta de Lina, a direção da Revista passa a ser descentralizada, subdividindo em Direção de Artes Plásticas e Arquitetura, tendo em casos especiais, Direção de Teatro, entre outros. Do número 15 ao 24, foram responsáveis pela direção: Abelardo de Souza pela Arquitetura e José Geraldo Vieira pelas Artes Plásticas. A partir da 25ª edição, o primeiro foi substituído por Geraldo Ferraz, e Vieira permaneceu até a última edição. O nome de Geraldo N. Serra também permanece como Diretor Responsável.

Essa mudança de direção centralizada para descentralizada, bem como os nomes que ocupam os cargos é capaz de explicar muito sobre como a revista articula seus textos e quais são seus

interesses mais específicos. Em sua pesquisa, apesar de analisar de forma ampla os assuntos que a *Habitat* apresenta, Stuchi (2006), ao analisar o Expediente da revista, afirma:

“Essas mudanças no quadro de direção implicam alterações em suas características gerais, como: alterações nos nomes dos colaboradores, possivelmente ligados por laços pessoais e profissionais ao diretor; no conteúdo da revista, como a valorização ou não de determinados assuntos; alteração no recorte territorial; entre outros aspectos que definem um Projeto Editorial possivelmente alterado ao longo da vida de *Habitat...*” (STUCHI, 2006, p.04)

Dessa forma, a partir de como a revista se articula, é possível analisar a presença de textos que referenciem de alguma forma os elementos do passado fundamentais para a construção de uma identidade nacional. Em todo esse período, a arquitetura sempre teve um lugar especial na revista, notado pelo espaço que ocupava em suas edições e, principalmente, pelo envolvimento de seus organizadores com a difusão da arquitetura moderna brasileira. Porém, nota-se que não apenas a “nova” arquitetura, aquela produzida em seu tempo, mas também a arquitetura do passado era veiculada nas páginas da revista.

Deve-se ressaltar que esta revista se diferencia das outras especializadas, por não trazer consigo um predomínio ufanista, sendo que carrega várias polêmicas em suas publicações (MIRANDA, 1998).

Com dois anos de sua primeira publicação, já pode ser encontrada em bancas de jornal e é reconhecida no exterior.

“No décimo ano, os redatores assinalam que se nos primeiros anos a dificuldade vem da falta de um público que compreenda os propósitos da revista, após dez anos, as dificuldades econômicas, colocadas pelo processo de crescimento do país, apresentam-se como um ‘cotejo de obstáculos’ contra as quais a revista luta para sobrepor-se.” (MIRANDA, 1998, p. 76)

Com relação à divulgação da “causa” preservacionista, pode-se notar que os artigos estão espalhados pelas diversas edições, ao longo de toda a vida do periódico, tratando tanto da arte e arquitetura barroca – escolha prioritária do SPHAN – quanto de outras arquiteturas ainda nem consideradas como merecedoras de salvaguarda, como a Art Nouveau paulistana.

O quadro 4 abaixo é formado a partir do levantamento e leitura sobre os textos relacionados ao assunto, e que ajudarão na formação e compreensão da análise.

<b>Nº</b>	<b>Ano</b>	<b>Título do artigo</b>	<b>Autor</b>	<b>Abordagem do Patrimônio</b>	<b>Pg.</b>	<b>Séc. Tratado</b>	<b>Diretor</b>
01	1950	Do pequeno ao grande numa corrida	-	3	65	-	Lina Bo Bardi
01	1950	Um Museu do estilo floreal em São Paulo?	Não assinado (Identifica-se Flávio Motta)	3	75-76	XX	Lina Bo Bardi
01	1950	Problemas do barroco: a religião e a curva	P. M. Bardi	4	80-81	XVIII	Lina Bo Bardi
02	1951	Nossa Arquitetura	Abelardo de Souza	1	4-5	XX	Lina Bo Bardi
03	1951	Arquitetos em São Paulo 1880	J. F. de Almeida Prado	3	30-34	XX	Lina Bo Bardi
05	1951	Contribuições ao barroco	-	4	32	XVIII	Lina Bo Bardi
05	1951	Uma mina do barroco	W.P	4	40-41	XVIII-XIX	Lina Bo Bardi
06	1951	Corpus do Barroco	M. da Silva	3	52-55	XVIII	Lina Bo Bardi
10	1953	São Paulo e o art nouveau	Flávio Motta	2	3-18	XX	Flávio Motta
10	1953	Salvar e conservar as imagens	Armando Cunha	3	56-60	XVIII	Flávio Motta
11	1953	Detalhes de Ouro-Preto	-	4	31-2	XVIII	Flávio Motta
11	1953	Um restaurador		4	48	-	Flávio Motta
12	1953	O antigo e nós	P. M. Bardi	3	57	-	Flávio Motta
12	1953	Floreal	Não assinado (Identifica-se Flávio Motta)	3	58-9	XX	Flávio Motta
12	1953	Paisagem brasileira	-	4	62-4		Flávio Motta
25	1955	A casa bandeirista	Arq. Luiz Saia	1	7-10	XVII-XVIII	Geraldo N. Serra

25	1955	Integridade, pobreza e miséria das casas de Deus.	José Geraldo Vieira	2	3-5	-	Geraldo N. Serra
27	1956	Desbrugando Ouro Preto	Manuel Germano	4	58-60	XVIII	Geraldo N. Serra
32	1956	Vinte anos de atividades do SPHAN: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional		1	22-4	XX	Geraldo N. Serra
49	1958	Os profetas do Aleijadinho, monstros ou obras-primas	Richard Kohn	4	35-8	XVIII e XIX	Geraldo N. Serra
49	1958	Foi espontâneo o aparecimento do Barroco?	Graciana Rojas	4	38-9	XVI-XVIII	Geraldo N. Serra
51	1958	Na alçada das realizações jesuíticas em São Paulo	Humberto Galimbert Poletti	4	36-40	XVII e XVIII	Geraldo N. Serra
60	1960	Observações sobre a obra do “Aleijadinho”	Graciela Rojas Herrera e Hans Mann	4	32	XVIII	Geraldo N. Serra
76	1964	Artes populares vivas		3	103-108	-	Geraldo N. Serra
77	1964	O Aleijadinho e a escultura barroca no Brasil	José Geraldo Vieira	4	57-66	XVIII	Geraldo N. Serra
80	1964	O sesquicentenário da morte de Aleijadinho		4	84-85	XVIII	Geraldo N. Serra

**Quadro 4: Artigos sobre patrimônio localizados na revista Habitat.**

Como mostrado no quadro acima, foram identificadas relações diretas ou indiretas com tema da preservação do patrimônio em 26 artigos, dispersos de forma heterogênea em relação ao total de publicações da Revista, assim como será tratado posteriormente.

Após a leitura, foi possível classificá-los a partir da abordagem que faziam em relação ao tema, se faziam apenas uma análise sobre obras específicas sem citar a salvaguarda, ou se

buscavam para além da divulgação, uma consciência pela preservação. Ou se, mais que isso, levavam em conta as atividades do principal órgão de preservação no país, o SPHAN.

Subdividida em números de 1 à 4, essa classificação é demonstrada no quadro abaixo:

<b>Tipo de abordagem em relação ao patrimônio</b>	<b>Quantidade de Artigos</b>
<b>1</b> -Trata de maneira positiva as ações do SPHAN.	03
<b>2</b> -Crítica a maneira como o SPHAN age.	02
<b>3</b> -Trata da importância da preservação, mas não cita o SPHAN.	08
<b>4</b> -Analisa obras específicas, sem citar a necessidade ou métodos de preservação.	13
<b>Total de Artigos</b>	26

**Quadro 5: Tipo de abordagem em relação ao patrimônio.**

A partir de então, nota-se que a maior parte dos artigos analisados consistem de estudos sobre obras específicas. Além disso, quando os textos abordam a importância da salvaguarda do patrimônio, em muitos casos não chegam a citar as atividades do principal órgão de preservação nacional. A quantidade de textos que discorrem sobre o SPHAN se limita a cinco, sendo ainda divididos em crítica e elogio.

Ao relacionar os quadros 4 e 5, é possível perceber ainda, que com exceção do Arquiteto Luiz Saia, que já fazia parte do SPHAN e elaborava restaurações com técnicas pautadas pelas regras da instituição, os autores desses artigos que mencionam o Serviço de Preservação são os próprios diretores da Revista, com a clara diferença dos elogios de Abelardo de Souza e as críticas de Flávio Motta e José Geraldo Vieira, o que também acarretará diversidade na forma como o tema é tratado.

Como já observado, a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional se deu a partir das ideologias de intelectuais modernistas que acreditavam na continuidade da arquitetura moderna em relação à arquitetura colonial, a linha da “boa tradição”<sup>7</sup>, deixando de lado estilos relacionados ao ecletismo.

---

<sup>7</sup> Expressão do arq. Lucio Costa presente no artigo “Documentação Necessária”, publicado pela primeira vez na Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 1, 1937.

Ao escrever sobre o funcionamento do IPHAN desde a sua criação, Fonseca (1997) analisa a criação da identidade nacional que se buscava. Para a relação com o mundo europeu, de forma a revelar para as outras nações uma arquitetura legítima brasileira, o órgão de preservação encontrou no Barroco os principais atributos. Apesar de sua raiz portuguesa, o estilo se adaptou ao ambiente brasileiro, apresentando especificidades facilmente distinguíveis, usando materiais disponíveis no meio, como a pedra-sabão, afirmadas principalmente pela figura do tão citado Aleijadinho.

Embora seja também um estilo com origens da Europa, o Eclético era visto apenas como mera reprodução, sem nenhuma forma de adaptação à arquitetura nacional, de forma que, nas poucas vezes em que foi defendido pelo SPHAN, não foi pelo seu valor estético, mas apenas histórico.

“O barroco era o estilo mais valorizado, seguido pelo neoclássico. A arquitetura moderna, que foi introduzida no Brasil em 1928, já em 1947 teve seu primeiro exemplar tombado [...]. Quanto ao estilo eclético, a ovelha negra da arquitetura brasileira aos olhos dos arquitetos modernistas, apesar de sua importância histórica como estilo característico da Primeira República, só foram então tombados três imóveis, e mesmo assim exclusivamente por seu valor histórico.”  
(FONSECA, 1997, p. 115)

Essa questão também é notada por Ribeiro (2013), ao estudar as publicações feitas pela RSPHAN:

“Já em relação ao período compreendido entre o final do século XVII e XVIII, as análises recaíram sobre o ciclo bandeirista minerador. Nesse sentido, denotava-se nos artigos o desenvolvimento das cidades, a arquitetura urbana, a arquitetura religiosa barroca, os mestres-oficiais, dentre outros elementos característicos desse “ciclo econômico” brasileiro. Nunca é demais citar que o século XVIII é tratado pela historiografia como século do Sphan. Para os funcionários da instituição, é nele que se encontra o período auge do desenvolvimento nacional, elegendo-se o Barroco (mineiro) como elemento mais característico da autenticidade e originalidade nacional.” (RIBEIRO, 2013, p.123)

Apesar de a Habitat tratar de vários estilos, mesmo os não citados pelo SPHAN, a maioria dos artigos encontrados sobre a questão do patrimônio cultural ainda é sobre o século XVIII, ou seja, os textos tratam principalmente de exemplos do Barroco, de certa forma confirmando a visão presente no SPHAN de que é o Barroco o estilo nacional por excelência e que o século XVIII seria aquele momento de amadurecimento da cultura local.

<b>Século tratado pelo artigo</b>	<b>Quantidade de Artigos</b>
XVIII	15
XX	6
Não identificado	5

**Quadro 6: Quantidade de Artigos por século tratado.**

Isso pode ser visto, principalmente após as direções de Flávio Motta e Lina, quando as publicações relacionadas ao tema se tornam mais pontuais, apenas tratando do Barroco, limitando-se às análises de obras específicas e sem o intuito da preservação. Ao contrário dos primeiros anos de publicação da Revista, em que os assuntos são mais diversificados e a densidade de artigos sobre o patrimônio é maior.

<b>Ano</b>	<b>Quantidade de Artigos</b>	<b>Diretor</b>
1950	3	Lina Bo Bardi
1951	5	Lina Bo Bardi
1953	7	Flávio Motta
1955	2	Geraldo N. Serra
1956	2	Geraldo N. Serra
1958	3	Geraldo N. Serra
1960	1	Geraldo N. Serra
1964	3	Geraldo N. Serra

**Quadro 7: Quantidade de Artigos relacionados ao tema por ano e seus respectivos diretores.**

<b>Diretor</b>	<b>Edições responsáveis</b>	<b>Quantidade de Edições</b>	<b>Quantidade de artigos sobre o Patrimônio</b>	<b>Porcentagem de Artigos por Quantidade de Edições</b>
Lina Bo Bardi	1 a 9; 14 e 15	11	8	72,72%
Flávio Motta	10 a 13	4	7	175%
Geraldo N. Serra (Responsável); Abelardo de Souza/ Geraldo Ferraz; e José G. Vieira.	16 a 84	68	11	16,17%

**Quadro 8: Quantidade de artigos sobre o patrimônio em relação à quantidade de edições por diretor.**

Ao separar a quantidade dos artigos em períodos das distintas direções, essa concentração torna-se mais visível, sendo que apesar de, após a descentralização da direção o número de publicações ser maior (onze), a relação com quantidade de edições sob responsabilidade torna-os pouco expressivos, pois estão dispersos em 68 números, caracterizando apenas 16,17% do total de edições.

Por outro lado, a relação de artigos sobre o patrimônio com a quantidade de edições que Lina dirigiu, apresenta-se significativamente maior, com a porcentagem de 72,72%, ou seja, oito em onze números. Mais ainda pode ser visto no período da revista dirigido por Flávio Motta, sendo que em quase todos os números encontra-se pelo menos dois artigos, exceto o treze. Em apenas um ano, agregou sete textos em quatro edições, e trouxe-os de forma diferente à tão difundida e protegida pelo SPHAN, além dos que ele mesmo escreveu em outras edições, que não foram dirigidas por ele.

### **3.3- A direção do Patrimônio: influência dos diretores na abordagem sobre o assunto.**

O casal italiano Pietro Maria Bardi e Lina Bo Bardi, desde a prática de suas atividades culturais no exterior, comprometia-se com um “projeto de modernidade”. Segundo Stuchi (2006, p. 12), viram no Brasil um vasto campo para realizações artísticas, projetos já pensados na Itália. As instituições que formaram aqui: Museu de Arte de São Paulo, Revista Habitat, Instituto de Arte Contemporânea (IAC) e Studio de Arte Palma, se tornaram a resolução de tal projeto.

Fundar uma revista e ser sua Diretora Geral era uma experiência que Lina vinha adquirindo há anos, pelo mesmo fato que a fez se encantar pelo Brasil. A arquiteta passou pela Guerra em seu país, o que estagnou a produção arquitetônica, e a estimulou a realizar pesquisas e estudos sobre diversos assuntos: desenho industrial, artesanato, culturas locais, ilustração e significativa participação na edição de revistas, com estímulo à escrita sobre arquitetura.

Ao chegar no país, mostra ainda sua crença na continuidade, pregada pelo Movimento Moderno, e seus pensamentos positivistas calcados no progresso. Além disso, denuncia o uso de modelos do passado para a construção contemporânea, criticando o Pastiche, mas também as restaurações que vinham sendo empregadas. A arquitetura de um tempo deveria mostrar-se como tal, sem cópias e reproduções.

Apesar disso, Lina nunca deixou de considerar a importância do passado. Logo após, com o estudo sobre as influências do tempo relação à arquitetura, elaborou o conceito de “Tempo

Histórico”. Segundo Bierrenbach (2007, p.11), a Reavaliação do Movimento Moderno na Itália, conduzido principalmente por E. N. Rogers entre as décadas de 40 e 50, deu mais amplitude ao seu conceito. Para Rogers, a integração entre o patrimônio e o presente era fundamental.

A noção de continuidade do passado encontra outras alusões. O presente passa a ser visto como resultado de um passado, que traz seus ensinamentos históricos fundamentais para entender a atualidade, sendo que os tempos deveriam ir de encontro ao outro para uma profunda análise crítica. Fazer referência ao antigo não significaria trazer um elemento, acreditando que sempre seria útil do jeito que está, de maneira imutável, mas sim transformá-lo e adaptá-lo às exigências do presente.

Como afirma a própria Lina Bo (apud OLIVEIRA, 2008, p. 87):

“o que é preciso é considerar o passado como presente histórico. O passado visto como presente histórico, é ainda vivo, é um presente que ajuda a evitar as várias arapucas... Frente ao presente histórico, nossa tarefa é forjar um outro presente, “verdadeiro”, e para isso é necessário não um conhecimento profundo de especialista, mas uma capacidade de entender historicamente o passado, saber distinguir o que irá servir para novas situações de hoje que se apresentem a vocês, e tudo isto não se aprende somente nos livros.”

A *Habitat* tem por princípio em sua formação assumir a arquitetura brasileira como base, de forma a divulgar não só o que estava sendo produzido, mas quais eram as referências da arquitetura local, bem como sua fonte no passado construído, além de abranger questões ideológicas, acima das plásticas.

O artigo “Nossa Arquitetura”, redigido por Abelardo de Souza, sob direção de Lina, faz isso. Exalta a Arquitetura Moderna brasileira pelo seu sucesso, peculiaridade e força própria, distinguindo-se da arquitetura fria disseminada em outros países. Como um dos principais fatores dessa valorização, cita o modo de viver brasileiro e as experiências do passado. Como exemplo, a criação dos *brises*, referências às “*triliças*” coloniais. Trata ainda das atividades do SPHAN, que estavam “conduzindo nossa arquitetura para um caminho certo”. (SOUZA, 1951, p.05)

“A referência à origem não pode significar a eterna repetição de modelos anteriores e a morte de acontecimentos posteriores, mas sim a vida, na sua plenitude. A relação entre os tempos históricos tem que ser mútua e construtiva. Transformar todas as partes envolvidas.”  
(BIERRENBACH 2006, p.15)

Em “Problemas do Barroco: Entre a Religião e a curva” de Pietro M. Bardi, há muito dessa relação com o passado, quando trata de barroco até a arquitetura racionalista e trata as formas curvas do concreto armado empregado na Arquitetura Moderna como uma continuidade daquelas expressas pelo Barroco.

Apesar de estarem presentes mais três artigos sobre o Barroco, desde sua primeira edição, a responsabilidade de formar uma revista sobre a cultura brasileira se faz presente. Não exclui temas menos abordados, como o artigo sobre a importância da preservação dos exemplares do Art Nouveau, “Um Museu do estilo floreal em São Paulo?”, nem sobre a arquitetura produzida pelos paulistas em 1880: “Arquitetos em São Paulo 1880” de J. F. Almeida Prado.

Ainda na primeira edição, o artigo “Do pequeno ao grande em uma corrida”, que não é assinado, mas mostra a provável autoria do editor, trata de forma objetiva a preocupação com o rápido crescimento da cidade de São Paulo, fazendo com que os altos prédios “engolissem” indiscriminadamente uma arquitetura civil que fazia parte de sua formação.

Em sua dissertação, Stuchi (2006, p.176), anexa uma entrevista que fez com Luís Hossaka, fotógrafo que trabalhou no MASP como ajudante de montagem de exposições desde 1949 e possuía uma forte relação com as atividades do casal Bardi. Era próximo à revista *Habitat*, já que datilografava muitas vezes seus textos, e conta que a Revista era feita por seis mãos: do casal e de Flávio Motta. Todas as pautas partiam de conversas entre eles e era recorrente a interferência de uns nos textos dos outros.

Professor, historiador da arte e artista, vinculado ao movimento moderno, mas principalmente aos “valores universais das artes”, Flávio Motta atuou no MASP (Museu de Arte de São Paulo) de 1947 a 1950 como assistente de Pietro Maria Bardi, ministrou cursos de história da arte no próprio museu, e chegou a dirigi-lo na ausência de Bardi.

Para acompanhar um acervo da Pinacoteca do MASP, o casal Bardi faz uma viagem e Motta assume a direção da *Habitat*. Apesar de ser apenas um ano, trouxe em três edições, sete artigos responsáveis por divulgar, de certa forma, um ideário preservacionista. É importante,

porém, notar que o tipo de patrimônio que se aborda nesse período é um pouco diferente em relação aos demais.

Segundo Ribeiro (2010, p.49), a posição crítica de Motta, se alinha à da Habitat, com uma proposta nova de ligação entre tradição e atualidade. Em seus princípios, negava a história apenas como uma ordem cronológica da arte, sem nenhuma perspectiva crítica, e que além disso, era contrário à interpretação mais utilizada em relação à historiografia do movimento moderno, ligada apenas à um passado colonial, ao espírito da “nossa arquitetura”, omitindo os valores de outros estilos, como o ecletismo, mas principalmente o art nouveau, por ele tão estudado.

A revista foi o primeiro veículo responsável, pelo seu caráter polêmico e aberto à novos conceitos, por expor estudos que Motta vinha fazendo sobre o liberty, floreal, ou simplesmente art nouveau. Em seu primeiro número, dirigido por Lina Bo Bardi, um artigo do autor<sup>8</sup> traz à tona uma residência na Rua Marquês de Itu, São Paulo, ameaçada de demolição, e indignado, sugere a transformação do edifício em um museu representativo do estilo.

A edição número 10, primeira que dirigiu, se inicia com um estudo sobre o Art Nouveau. Deixa claro que expunha o estilo naquele texto como forma de tirar o foco tão grande do Barroco, celebrado como “a arte brasileira”. Sobre a maneira como o SPHAN tratava o patrimônio, afirma:

“A tal ponto chegou esse desvio que a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional está, hoje em dia, transformada em órgão especializado na preservação e estudo dos monumentos barrocos-coloniais.” (MOTTA, 1953 p. 03)

Nota que, apesar da falta de documentos sobre a arquitetura realizada no período do art nouveau em São Paulo, o desinteresse sobre esses monumentos não pode ser justificado, já que influenciaram na arte nacional. Um estilo que era tão presente nos principais bairros da cidade, hoje compondo o centro, se esconde atrás de edifícios de vidro e concreto.

Na *Habitat* de número 12, ainda sob a mesma direção, um artigo não assinado, com o título de “Floreal” traz consigo a importância de salvar e preservar os poucos exemplares do estilo em

---

<sup>8</sup> Apesar de o artigo não ser assinado Stuchi, em seu trabalho: “Revista Habitat: um olhar moderno sobre os anos 50 em São Paulo” (São Paulo, FAUUSP, Dissertação de Mestrado, 2006), afirma a provável autoria de Flávio, tanto pelo seu pensamento revelado nos artigos anteriores, quanto ao que se tornou nos posteriores.

São Paulo. Ressalta, ainda, que a especulação imobiliária fará com que ele fique apenas na memória, e que mesmo que a partir de imagens, a *Revista Habitat* se colocaria como divulgadora desse importante momento para a arte nacional.

Para reforçar essa ideia de que a Revista de fato considerava a importância do passado para a compreensão do presente, esse artigo é antecedido por um de autoria de Pietro Bardi, intitulado “O antigo entre nós”.

“A premissa é para dizer que Habitat sempre honrou o Antigo, hospedando em suas páginas coisas de outras épocas, longínquas ou próximas, testemunhas da extraordinária efervescência criadora do homem”. (BARDI, 1953, p.57)

É importante notar que todos os seus artigos sobre o estilo citado trazem consigo muitas fotos, de forma a mostrar a grandeza de detalhes e os valores de cada obra, seja um elemento arquitetônico ou um mobiliário. Além de valorizar esses elementos, amplia o conhecimento dos leitores sobre o floreal.

No ano seguinte, o casal volta para o Brasil e dirige a *Habitat* em mais dois números. Já observado por Stuchi (2006, p. 98), percebe-se uma mudança em relação ao design gráfico da Revista, que passa a apresentar muitos artigos sobre urbanismo e não se encontra nenhuma relação com a arquitetura tradicional, indícios da mudança de conceitos da Revista, e a posterior saída do casal.

Isso também é visto com a análise em relação à quantidade de artigos relacionados ao tema do patrimônio e ao tipo de abordagem que sobre ele se faz. A partir de então, os poucos exemplos, vão, em sua maioria, ao encontro dos princípios e enfoques do SPHAN. O Barroco é predominante, e, além disso, na maior parte, limitam-se à vida e obra do “Aleijadinho”.

José Geraldo Vieira, como Diretor de Artes Plásticas, aparece como autor por duas vezes. O escritor e crítico de arte trata muito mais de uma relação estética e do estudo de esculturas. No primeiro “Integridade, pobreza e miséria das casas de Deus”, chega até a fazer uma crítica na maneira como o órgão responsável pela salvaguarda tratava o patrimônio e como a preservação apenas dos elementos artísticos, sem pensar na dinâmica do local, o que era prejudicial. Porém, no segundo, nem trata mais da preservação, apenas analisa esteticamente as obras do artista mineiro.

Já Abelardo de Souza, não assina nenhum artigo no período em que foi Diretor de Arquitetura, do número 16 ao 24, ou seja, de 1954 a 1955. Apesar disso, sempre esteve presente como colaborador, principalmente pela forte amizade que possuía com casal Bardi. Abelardo era arquiteto ligado à arquitetura moderna e sua difusão, também voltado para questões urbanísticas, sendo que o texto no qual aparece como autor, publicado no período em que Lina dirigiu a *Habitat* e levantado no quadro 2, leva em consideração suas preocupações com o crescimento desenfreado das cidades, e com isso, a degradação do patrimônio.

Stuchi (2006, p.63) trata o curto período de direção de Abelardo de Souza, como momento de transição entre a “Habitat de Lina e Pietro” para a “Habitat de Geraldo Ferraz”, isso porque, a partir desse momento, a revista deixa de possuir o recorte inicial tão voltado para a arquitetura nacional e para “divulgar a arquitetura de São Paulo” indo até a introdução da arquitetura internacional.

Geraldo, que era escritor e jornalista, foi diretor de Arquitetura por 59 edições, permanecendo até o fim da Revista. Apesar de ser colaborador desde o início, escrevia mais artigos relacionados ao urbanismo e à arquitetura moderna, sendo que nenhum artigo de sua autoria foi tratado com alguma relação ao patrimônio.

Essas são questões que evidenciam uma mudança geral de conceitos na revista. Além do tratado acima, por questões de mudança do recorte de arquitetura nacional, há uma alteração em relação à quantidade de artigos e relevância do patrimônio no âmbito da publicação.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por ser uma Revista de Arquitetura moderna, a quantidade de 26 artigos que levam em consideração elementos do passado, pode ser vista como significativa. Apesar disso, apenas metade trata da importância de preservá-los de modo estrito, seja de acordo com os métodos do SPHAN ou não, sendo que os outros apresentam apenas estudos e opiniões dos autores sobre obras de séculos anteriores.

Fica claro que o século mais abordado é o XVIII, com os exemplares do Barroco, de certa forma corroborando com a visão do próprio SPHAN sobre o que era o “nosso patrimônio”. No entanto, a presença de artigos sobre outros estilos e datas, quase nunca tratados por

intelectuais da Arquitetura Moderna, é notável, sendo mostrados como fundamentais para a formação da arquitetura nacional, principalmente a paulista.

Esses fatos se dão principalmente pelo modo de pensar dos diretores, que influenciam diretamente no conteúdo da revista. A fase inicial, do número 1 ao 12, ou seja, de 1950 a 1953, estando sob responsabilidade de Lina, Pietro e Flávio Motta, os fundadores da *Habitat*, revelou-se a de maior enfoque no passado, exibindo as influências que ele exercia na arte e arquitetura moderna e confirmando o recorte que pretendiam na divulgação da arquitetura paulista e suas origens.

Na fase posterior, o assunto passou a ser menos abordado, limitando-se ao Barroco e aos estudos dos próprios autores sobre temas estéticos que lhes interessavam. A revista passa a ter novos enfoques, como o urbanismo e volta-se menos ao patrimônio, de acordo com os quadros analisados anteriormente.

## **5 AGRADECIMENTOS**

Agradeço à FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais), à UFU (Universidade Federal de Uberlândia) e ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pela concessão de financiamento a esta pesquisa.

## **6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDRADE, Antonio Luiz Dias de. *Um Estado completo que pode jamais ter existido*. São Paulo, FAU-USP, Tese de Doutorado, 1993.

ARAÚJO, Anete. A construção do movimento moderno: entre a arquitetura e a historiografia. In: CARDOSO, L. A. F. e OLIVEIRA, O. F., org. *(Re)Discutindo o Modernismo: universalidade e diversidade do movimento moderno em arquitetura e urbanismo no Brasil*. Salvador: Mestrado em Arquitetura e urbanismo da UFBA, p.70-78, 1977.

BIERRENBACH, Ana Carolina de Souza. Lina Bo Bardi: tempo, história e restauro. *Revista CPC*, São Paulo, n.3, nov. 2006/abr. 2007, p. 06-32.

CAMPOFIORITO, Italo. O patrimônio cultural: um balanço crítico. *Revista do Brasil*, ano 2, n. 4, 1985.

CAVALCANTI, Lauro (org). *Modernistas na Repartição*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, MinC-IPHAN, 2ª ed. rev., 2000.

CHUVA, Márcia. O modernismo nas restaurações do SPHAN. Modernidade, universalidade, brasilidade. *Revista IEB*, São Paulo, n. 55, 2012, p. 89-107.

COSTA, Lucio. Documentação necessária. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 1, 1937, p. 31-40.

\_\_\_\_\_. *Documentos de Trabalho*. Organizado por José Pessôa. Rio de Janeiro: IPHAN, 1999.

DE LUCA, Tania Regina. “As revistas de cultura durante o Estado Novo: problemas e perspectivas”, in: IV Encontro Nacional de História da Mídia. A luta pela liberdade de imprensa - revisão crítica dos 300 anos de censura, 2006, São Luis do Maranhão/MA. *Anais do 4º Encontro Nacional de História da Mídia*. São Luis/MA: Rede Alfredo de Carvalho, 2006. v. 1. p. 1-13.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O Patrimônio em Processo*. Rio de Janeiro, UFRJ / IPHAN, 1997.

GUEDES, Tarcila. O lado doutor e o gavião de penacho. Movimento modernista e patrimônio cultural no Brasil: o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). São Paulo, Annablume, 2000.

*HABITAT* - Revista Brasileira de Arquitetura, Decoração, Artes Plásticas e Artesanato, Imprensa São Paulo: (s.n.), 1950-1965.

MORAES, Eduardo Jardim de. Modernismo revisitado. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.1, n.2, 1988.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MARTINS, Carlos Alberto Ferreira. *Arquitetura e Estado no Brasil: elementos para uma investigação sobre a constituição do discurso Modernista no Brasil; a obra de Lúcio Costa*. São Paulo. Dissertação (Mestrado), FFLCH-USP, 1988.

MIRANDA, Clara Luiza. *A crítica nas revistas de arquitetura nos anos 50: a expressão plástica e a síntese das artes*. São Carlos/SP, Dissertação (Mestrado), EESC-USP, 1998.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense/Brasília: CNPq, 1990.

OLIVEIRA, Raíssa Pereira Cintra de. *Permanência e inovação: o antigo e o novo nos projetos urbanos de Lina Bo Bardi*. São Paulo, Dissertação (Mestrado), FAU-USP, 2008.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. *Neocolonial, Modernismo e Preservação do Patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2011.

RIBEIRO, Ana Carolina Carmona. *Reconstrução da História e projeto moderno em Flávio Motta*. São Paulo: Dissertação de Mestrado, ECA-USP, 2010.

RIBEIRO, Robson Orzari. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Textos de História da Arte engajados na política de preservação no Brasil*. Campinas/SP, Dissertação (Mestrado), IFCH-Unicamp, 2013.

RUBINO, Silvana. Lucio Costa e o patrimônio histórico e artístico nacional. *Revista USP*, São Paulo, n.53, março/maio 2002, p. 6-17.

\_\_\_\_\_. *As fachadas da história: os antecedentes, a criação e os trabalhos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1937-1968*. Campinas/SP, Dissertação (Mestrado), IFCH-Unicamp, 1991.

SODRE, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

STUCHI, Fabiana Terenzi. *Revista Habitat: um olhar moderno sobre os anos 50 em São Paulo*. São Paulo, Dissertação (Mestrado), FAU-USP, 2006.